

## MEMÓRIAS COM/ E NA ARTE

*Ana Amália Tavares Bastos Barbosa*

Quando Fernanda Cunha me convidou para este evento eu não sabia muito bem do que falar, porém desde o início da pandemia de covid-19 em março de 2020 ao me ver "locked in" ou seja, "encarcerada" de novo, eu resolvi me refugiar na memória e potencializá-la. No decorrer disto tenho esbarrado muitas vezes na Abordagem Triangular porque como eu disse em um depoimento à Gearte:

“QUANDO OUVI FALAR NA TAL DA METODOLOGIA TRIANGULAR, INGENUAMENTE COMENTEI: UEH, MAS NÃO É ISSO QUE TODO BOM PROFESSOR DE ARTES FAZ?? ATEH ENTÃO EU NÃO TINHA PERCEBIDO O QUANTO MEU APRENDIZADO DE ARTES HAVIA SIDO DIFERENCIADO. (...) LER, CONTEXTUALIZAR E FAZER ARTE. COMO EU DISSE ANTES ACHAVA QUE TODO BOM PROFESSOR DE ARTE FAZIA PQ APESAR DE TER CRESCIDO EM MEIO AO EXPRESSIONISMO NO ENSINO DA ARTE, MEUS PROFESSORES LIAM, CONTEXTUALIZAVAM E FAZIAM ARTE COMIGO. POR ISSO ACHO ESTRANHO QUANDO DIZEM QUE A ABORDAGEM TRIANGULAR TEM 20 ANOS, ELA PODE TER SIDO SISTEMATIZADA HA 20 ANOS, MAS PARA MIM ELA SEMPRE EXISTIU.”(BARBOSA, 2017)<sup>1</sup>

Uma coisa é certa: as ideias não surgem do nada e para conseguir chegar ao ponto de ter podido sistematizar suas ideias como abordagem, Ana Mae precisou testar suas teorias em alguém. Assim como Piaget, vários educadores usaram seus filhos ou parentes próximos como cobaias e Ana Mae fez isso, conscientemente ou não.

Como filha fui cobaia durante toda minha vida. Como por exemplo, em seu livro *A imagem no ensino da arte* (1991):

“Por acaso ao mesmo tempo que eu estava escrevendo esse texto, minha filha, aluna de Artes Plásticas da Fundação Armando Alvares Penteado estava em plena atividade de fim de semestre, escrevendo freneticamente os trabalho para nota.

Uma noite, passando por seu quarto, vejo-a com o projetor de slides ligado observando atentamente *A Noite Estrelada* de Van Gogh, a mesma versão que eu estava estudando no meu quarto.

Quando perguntei o que estava buscando, me contou que sua professora de estética pedira, como trabalho final, a leitura de uma obra de arte. Sua primeira ideia fora fazer uma leitura comparativa entre um texto literário e uma obra visual, mas, que depois, havia pensado em fazer sistematicamente o que ela acreditava que todos nós, que trabalhamos com artes plásticas, fazemos sempre

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. *Depoimento*. Revista **GEARTE**, v.4, n. 2, 2017. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/76150/43538>

de maneira assistemática: comparar pinturas, desenhos, esculturas até para descobrir que influência tem, quem imita quem, etc.

Desde criança minha filha Ana Amália é fascinada por gravura japonesa, possuindo uma boa coleção de livros sobre o assunto.

Foi guada por suas preferências visuais que começou a aproximar comparativamente o slide do quadro de Van Gogh que estava examinando com a Grande Onda do japonês Hokusai.

Sem conhecer os métodos de Feldman, de Ragans, ou do DBAE, dos quais já ouvira falar mas não se interessou em estudar, percebi que intuitivamente ela estava planejando o trabalho, segundo três das disciplinas da arte, consideradas pelos projetos do Getty Center: história, crítica e estética.

Não interferi na sua linha de pensamento, mas pedi que me mostrasse o trabalho terminado, e qual não foi minha surpresa ao ver que para a consecução da tarefa, embora tenha interligado, crítica e estética, seguiu, também intuitivamente, os passos propostos por Feldman e Ragans para o exercício da crítica, isto é, primeiro descrição e análise, seguindo-se interpretação e julgamento.

Sua primeira preocupação foi histórica, isto é, reler as cartas de Van Goigh ao seu irmão Theo para verificar se havia referência a Hokusai e como não encontrou, recolheu e citou no tópico que intitulou “Um pouco de história” as referências do pintor à gravura japonesa entremeadas por informações biográficas. Além disso procurou comprovações iconográficas da influência da gravura japonesa sobre a pintura de Van Gogh. (...)

Aqui acredito que se Ana Amália dominasse a metodologia do Getty Center, que intuitivamente usou, estenderia seu questionamento explicitando mais esta questão de ordem estética sobre a influência direta ou indireta de artistas uns sobre os outros.

Às vezes pode não haver uma influência direta de uma obra sobre a outra, mas um artista captando o universo plástico de outro artista pode trabalhar coincidentemente.

De repente minha filha estava se tornando pra mim estudo de caso.” (BARBOSA, 1991, p.76-80)<sup>2</sup>

A memória é como uma mola, se você não mexer nela ela fica enroladinha e quase não ocupa espaço, mas se você começar a esticá-la ela toma todo o espaço e um pouco mais.

---

<sup>2</sup> BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. Editora Perspectiva, 1991.



Eu tenho exercitado bastante a mola da minha memória. Lembrei de quando me deparei com o quadro *Children's afternoon at Wargemont* (1884) de Renoir no museu em Berlim Oriental e decidi que gostava dessa coisa de arte.



*Children's afternoon at Wargemont* (1884), Renoir

Costumo dizer que foi o Renoir de Berlim que me fez gostar de arte, mas foi antes:

“VOVÔ PAULO TINHA UMA REPRODUÇÃO DA OBRA O BAILE NO MOULIN DE LA GALETTE DO RENOIR E QUANDO TAVA CHOVENDO NO RIO DE JANEIRO E NÃO PODÍAMOS SAIR, A GENTE SENTAVA NA FRENTE DO QUADRO, ESCOLHIA UMA FIGURA E CONTAVA SUA HISTÓRIA E O OUTRO IA FAZENDO PERGUNTAS! ESSA BRINCADEIRA DURAVA ORAS E NUNCA FIZEMOS COM TODAS AS FIGURAS! ATÉ HOJE ME PEGO

FAZENDO ISSO COM AS PESSOAS NA RUA OU COM AS FIGURAS DE UM QUADRO! (BARBOSA, Diário de notícias, 2020<sup>3</sup>)



*O Baile No Moulin de la Galette, Renoir, 1876*

Lembrei da minha sexta série:

ME LEMBREI DE QUANDO EU TAVA NA SEXTA SERIE E TINHA QUE FAZER UM CARTAZ PRA AULA DE GEOGRAFIA (RELEVOS), MAS EU QUERIA FAZER ALGO DIFERENTE, ENTÃO MAMÃE ME MOSTROU A OBRA DO LUCIO FONTANA E NELSON LEIRNER (COINCIDENTEMENTE ANOS DEPOIS ELE FOI MEU PROFESSOR NA FACULDADE E TIVE QUE FAZER UM TRABALHO DO QUAL NUNCA ESQUECI, QUE FOI FAZER EM METAL UMA ESCULTURA DE ALGO MUITO FOFO E EU FIZ DO MEU PORCO DE PELÚCIA EDMUNDO), ACHAMOS A MADEIRA DE UM POSTER QUE IA PRO LIXO, UMA SOBRA DA TINTA AZUL DOS BANQUINHOS, UM TECIDO NEUTRO (ACHO QUE ERA PARTE DA SAIA DO MEU UNIFORME DO ANO ANTERIOR), UNS ZIPERS E EU FIZ MEU CARTAZ À LAH FONTANA, MESMO ASSIM TIREI NOTA BAIXA. QUANDO EU CHEGUEI EM CASA CHORANDO, ESSA MULHER DESCEU "ZUNINDO", DEU DÓ DA PROFESSORA! (BARBOSA, Diário de notícias, 30 DE JULHO DE 2021)<sup>4</sup>,

E hoje lembrei de quando eu tinha uns 5 anos e estávamos em Nova Iorque e fomos ao MoMA, a Guernica de Pablo Picasso estava lá e eu fiquei sem entender porquê aquele quadro era tão famoso e eu não lembro qual mas um dos meus pais me falou de Franco e da guerra. Naquele momento os personagens criaram vida e pude interagir com eles na minha imaginação.

---

<sup>3</sup> <https://anaamaliabarbosa.blogspot.com/2020/05/21052020.html>

<sup>4</sup> <https://anaamaliabarbosa.blogspot.com/2021/07/fala-serio-desde-domingo-que-eu-to-com.html>



*Guernica, Pablo Picasso, 1937*

É isso que eu quero que vocês façam: a tarefa de vocês será relacionar as suas memórias com a arte, portanto peguem suas fotos e/ou diários e vamos potencializar sua memória! No entanto, só lembrar não é o suficiente, é preciso socializar! Para isso criei um mural na Padlet (<https://padlet.com/aatbbl/6kqt5o4e9ezntoor>) e quero que vocês postem suas imagens e/ou suas histórias.